

**ENTREVISTA**


Renan Luca Kabariti

## “Na faculdade todas as matérias do colégio foram essenciais.”

Renan Luca Kabariti entrou na Escola Politécnica da USP em 2005 e formou-se em Engenharia de Produção. Há cinco anos ele trabalha na área de logística de apoio às plataformas de perfuração e de produção. Aqui ele relembra seus tempos no colégio, e revela que, mesmo matérias fora de sua área – Português, Geografia e História – foram essenciais na faculdade.

**JC** – O que motivou você a escolher Engenharia como carreira?

**Renan** – Sempre tive relação com Exatas. Meu pai é engenheiro, minha mãe é formada em Matemática, trabalha em banco. Um primo fez Engenharia Elétrica na Poli. Já estava encaminhado.

**Por que preferiu Engenharia de Produção como especialidade?**

Quando entrei na Poli eu pensava em Engenharia Química, mas acabei migrando para a Grande Área Mecânica, que inclui os cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica, Engenharia Naval e Engenharia de Produção. Se não passasse em Produção, que é muito concorrida, iria para a Engenharia Naval.

**Além da USP, você entrou em outras faculdades?**

Prestei Engenharia Elétrica na Unicamp mas vi que Elétrica não era minha praia. Entrei na UFSCar e fiz matrícula para garantir a vaga. Depois é que veio o resultado da Poli.

**Por que você preferiu estudar na Poli?**

Primeiro, o nome USP pesa, você sabe que vai ser bem reconhecido no mercado. Além de ter amigos e meu primo lá.

**Como foi sua adaptação no Colégio Etapa?**

Foi tranquila. No início achei um pouco puxado, um pouco mais difícil do que eu estava acostumado. Mas entrei no ritmo e achei positivo.

**No 3º ano você chegou a considerar a possibilidade de não passar direto na Fuvest?**

Isso passa pela cabeça sim. Mas na hora da prova eu não me deixo abalar pela insegurança. Quando é para valer eu consigo focar. Eu sabia que estava bem preparado.

**Como foi o início na Poli?**

Foi bacana, tudo novo, aquele monte de veteranos fazendo festa, recebendo os bichos.

**Você teve alguma dificuldade?**

O que mais pesa no começo é que falta a organização que tem no Colégio. Na Poli tudo é muito diferente. O corpo docente é muito bom, mas tem pesquisadores que dão aula só porque são obrigados. O didatismo passa longe de alguns. Em compensação temos também professores excelentes.

**O que você estudou em cada ano na Poli?**

Os dois primeiros anos eles chamam de Biênio, que é em um prédio à parte, onde você vê as matérias básicas. Os professores não são da Engenharia, são da Matemática, da Física. Então, no 1º ano tem Cálculo, Álgebra Linear, Programação, Computação, Desenho Geométrico, Cálculo Numérico, Física. No 2º ano você vai para uma Grande Área. Produção fica dentro da Grande Área Mecânica. Aí você tem matérias um pouco mais específicas, Termodinâmica, Cálculo 2, Física Experimental, Laboratório de Física, Química, Introdução à Resistência dos Materiais.

**ENTREVISTA**

Carreira – Engenharia de Produção

**1**
**ARTIGO**

Brasil caminha rumo à eliminação da malária, diz especialista da Opas

**6**
**POIS É, POESIA**

Castro Alves

**7**
**CONTO**

Gennaro - Álvares de Azevedo

**3**

**No 3º ano, na Produção, que matérias você teve?**

A Produção começa com matérias bem específicas: Estatística, Contabilidade, Engenharia Financeira, Introdução à Administração. Ainda tem alguma coisa mais geral de Física e tal, mas foca mais em matérias ligadas a administração em geral.

**No 4º e no 5º ano continua dessa forma?**

Continua. No 4º ano alguns colegas começaram a estagiar. Eu estagiei só no 5º ano. Na época eles dificultavam estagiar no 4º ano. Eles queriam só no 5º ano.

**O que você teve de matérias nesses anos?**

Logística e algumas matérias mais genéricas, como Engenharia do Meio Ambiente. No 4º e 5º ano tem mais trabalho que prova. Você aprende mais a cooperar, começa a ficar menos individualista, o grupo importa mais. As matérias optativas são também bem bacanas. Quero deixar claro, as matérias chamadas de optativas são obrigatórias. Você tem que fazer matérias fora para cumprir sua grade horária. Eu peguei umas matérias na ECA, fui para a área de Comunicação, Mídias Digitais. Eu tinha muito interesse por Marketing.

**Além das aulas, o que mais você fez na Poli, na parte acadêmica?**

Eu fiz iniciação científica no 3º e no 4º ano. Foi uma experiência superválida. Além de ter contato com o mundo acadêmico, você acaba produzindo artigos. Entra um pouco nos bastidores da faculdade, tem um relacionamento. No meu caso foi um relacionamento muito bom com meu orientador. Inclusive, meu orientador na iniciação científica foi o mesmo do trabalho de formatura.

**Você recebeu bolsa?**

Eu peguei uma bolsa da Fundação Vanzolini.

**Essa iniciação científica era voltada para qual área?**

Era voltada para a indústria da música. Por sugestão do orientador, estudei produção musical com a visão da Engenharia de Produção. Procuramos entender o que estava acontecendo com a internet, MP3. Nesse viés de Engenharia, estudamos a cadeia produtiva completa da música, desde a ideia e criação até quando o consumidor comprava, na época, um CD, ou MP3, ou quando escutava de forma pirata. Queríamos entender tudo que acontecia nesse ciclo.

**Fora da parte acadêmica, o que mais você fez na Poli?**

Do 2º ao 4º ano eu era do time de rúgbi. Na Poli a atividade esportiva é levada bem a sério. Você acaba tendo gente boa em coisas que nem imagina, xadrez, rúgbi, futebol, basquete. Também toquei na Rateria [bateria dos alunos da Poli].

**No 5º ano, qual era sua maior preocupação?**

O TF, o trabalho de formatura.

**Qual foi o tema do seu trabalho?**

Qualidade e serviços. Acabei aplicando na empresa em que eu trabalhava.

**Onde foi seu estágio?**

Foi numa empresa automotiva chamada Netz. Uma empresa pequena, tinha cinco sócios que eram ex-gerentes da Mercedes. Eles faziam testes de veículos em desenvolvimento, de carros

pequenos até caminhões. Eu era estagiário do diretor comercial, trabalhava com informação de preços.

**Os clientes eram as montadoras?**

Eram as montadoras ou então fábricas de componentes. Por exemplo, a fábrica de câmbio queria desenvolver um novo câmbio, aí a gente equipava um caminhão e contratava um motorista para rodar durante um, dois anos, até quebrar. Colhidos e analisados os dados, eles eram levados ao cliente: "É assim que seu câmbio se comporta, está desgastando aqui, quebrou em dois anos". Eles analisavam e depois punham uma garantia de um ano e meio. O trabalho que eu desenvolvi era para analisar a satisfação dos clientes depois de prestar os serviços.

**Quanto tempo você ficou na Netz?**

Entrei no começo de 2009 e saí em fevereiro de 2010. Eu fui efetivado e dois meses depois acabei saindo.

**Por que saiu, se tinha sido efetivado?**

Quando fui efetivado eu estava migrando para a área de qualidade. Tinha recebido uma proposta da Whirlpool [fabricante da Brastemp e Cònsul].

**O que você fez na Whirlpool?**

A missão era organizar a logística de abastecimento das fábricas. Era pegar a matéria-prima e levar para a fábrica. Cuidava dessa parte. Era complicadíssimo. Você ficava sendo pressionado pela área de produção – "preciso fabricar, preciso da peça" – e tinha de ir à fornecedora fazer essa gestão. Mas era um trabalho mais gerencial, mais de dar os indicadores.

**Você ficou quanto tempo nesse estágio?**

Fiquei um período bem curto, de março a julho, mas foi um período em que eu aprendi bastante.

**Por que ficou tão pouco tempo?**

Logo que entrei eu prestei concurso na Petrobras. Entrei em março, prestei o concurso no fim de abril. O resultado saiu em maio, junho, para começar em agosto.

**Foi difícil o concurso da Petrobras?**

Por conta da prova eu estudei bastante durante cinco meses. Trabalhava, estudava à noite e nos fins de semana. A lógica de estudo, de preparação, de organização é aquela que você já conhece do vestibular. Isso cai como uma luva para quem já estudou aqui, para quem já conhece, já sabe a importância de fazer simulado, de analisar, de estudar provas. Você está ali na nata da nata. Isso é bom, motiva estar no grupo de pessoas capazes.

**Você foi admitido na Petrobras em agosto. Como foi o processo inicial no trabalho?**

Foi um mundo que se abriu para mim. Fui para o Rio de Janeiro fazer na Petrobras um curso de formação. Você fica cinco meses estudando – a história da empresa, como ela se organiza, os diferentes negócios. Tem diversas matérias, você tem de passar na prova final para poder começar a trabalhar. Quando terminou o curso começou o processo de alocação. Eu poderia ir para qualquer lugar do Brasil, mas fiquei no Rio.

**O que ocorreu depois?**

O curso de preparação terminou no fim de 2010, no começo de 2011 eu entrei para trabalhar, fui para a área internacional, em Organização e Gestão, que cuida de processos, padronização, gestão em geral. Fiz viagens para o exterior, fui para a Venezuela, México e Estados Unidos. Dava treinamentos também e a ideia era o pessoal de fora falar a mesma língua da Petrobras. Para isso tínhamos os nossos processos. No ano passado, depois de quatro anos, resolvi sair da área internacional.

**Por que você quis mudar de área?**

Gostei bastante do tempo que estive no Rio de Janeiro, mas queria ficar um pouco mais perto de casa. Queria um lugar mais barato também, porque o Rio está ficando muito caro. E depois de quatro anos numa mesma área eu achei que estava estagnando um pouco, podia aprender mais.

**Você está em que área agora?**

Estou há um ano na área de Logística em Santos. Eu vim com esse viés de organizar os processos operacionais. Estou trabalhando com logística de apoio às unidades operacionais marítimas, que são as plataformas, tanto de perfuração quanto de produção. Basicamente é fornecer o que a plataforma precisa de material e retirar o que ela não precisa mais.

**Você pretende continuar na área de Logística?**

Ainda tenho bastante a aprender nessa área. É uma área que me interessa bastante. E acho que a Petrobras também quer melhorar essa área. Agora, com a crise, cada vez mais a gente vai ter que trabalhar com mais eficiência.

**Você está contente com a formação que teve na Poli?**

Estou bastante contente com minhas escolhas. Tenho a sorte, o privilégio de poder dizer que eu não me arrependo de nenhuma escolha que fiz.

**Como está a empregabilidade e a remuneração na sua área?**

Conversando com meus colegas eu percebo que alguns estão muito bem e outros ainda estão meio que na briga. O pessoal está trabalhando muito, está dando o sangue. Não tem dinheiro fácil hoje.

**O que você aprendeu no colégio que valeu na faculdade e em sua vida profissional?**

Quando o professor chegava aqui com aquelas matrizes e determinantes eu não sabia quanto seria importante na faculdade. Minha área não é muito específica, não lido muito com dados, com números, mas na faculdade todas as matérias do colégio foram essenciais. Agora, uma matéria que eu acho que foi importantíssima é Língua Portuguesa. No vestibular foi um diferencial, fui muito bem. Acho que foi minha segunda maior nota na Fuvest. No curso também contou. E vale no dia a dia. Devo muito ao colégio por ter um Português um pouco mais correto. Não vou dizer perfeito, mas um pouco melhor que a média. Ah, Geografia também apareceu demais quando estava na área internacional. E Biologia, nunca imaginei que fosse tão importante.

**Hoje, de volta ao Etapa, o que vem de recordação?**

Vir aqui é uma experiência emocional. Fiz questão de vir de metrô, fazer o mesmo caminho de quando estava no colégio. Lembrei o quanto eu estava bem preparado. Estava em boas mãos. Apesar de a gente até se irritar com a quantidade de provas, o que sobra são recordações boas. Tenho muitos amigos do colégio, a amizade segue firme.

**O que você pode dizer a quem vai prestar Engenharia?**

Primeiro, parabéns. Você tomou uma decisão difícil, Engenharia não é para qualquer um. Passar no curso de Engenharia é difícil, se formar é mais difícil ainda. Talvez só na Medicina você tenha de trabalhar mais, estudar mais para se formar. Engenharia é pesada, é difícil. Em compensação, depois de se formar você vai se sentir capaz de tudo. Engenharia é um curso que prepara bem.

## CONTO

# Gennaro

## Álvares de Azevedo

*Meurs ou tue...\**  
(Corneille)

— **G**ennaro, dormes, ou embebes-te no sabor do último trago do vinho, da última fumaça do teu cachimbo?  
— Não: quando contavas tua história, lembrava-me uma folha da vida, folha seca e avermelhada como as do outono, e que o vento varreu.

— Uma história?

— Sim: é uma das minhas histórias. Sabes, Bertram, eu sou pintor... É uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a história de um velho e de duas mulheres, belas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um desses velhos sublimes, em cujas cabeças as câs<sup>1</sup> semelham o diadema prateado do gênio. Velho já,

casara em segundas núpcias com uma beleza de vinte anos. Godofredo era pintor: diziam uns que este casamento fora um amor artístico por aquela beleza romana<sup>2</sup>, como que feita ao molde das belezas antigas; outros criam-no compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo. O fato é que ele a queria como filha — como Laura, a filha única de seu primeiro casamento — Laura, corada como uma rosa e loira como um anjo.

Eu era nesse tempo moço: era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então; que trinta anos lá vão, que ainda os cabelos e as faces me não haviam desbotado como nesses longos quarenta e dois anos de vida! Eu era aquele tipo de mancebo ainda puro do ressumbrar<sup>3</sup> infantil, pensativo e melancólico como Rafael se retratou, no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quase a idade da mulher do mestre. Nauza tinha vinte e eu tinha dezoito anos.

Amei-a; mas meu amor era puro como meus sonhos de dezoito anos. Nauza também me amava: era um sentir tão puro! era uma

(\*) Tradução: "Morre ou mata..."